



**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFTC
CURSO DE GRADUAÇÃO: MEDICINA VETERINÁRIA
UNIDADE DE ENSINO: ITABUNA – BA**

**FABRINE SILVA CARVALHO
VALESKA EUNICE SANTOS DE SOUSA**

NOVAS PRÁTICAS NO MANEJO DE FELINOS EM ROTINA CLÍNICA

Itabuna – BA

2021

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFTC
CURSO DE GRADUAÇÃO: MEDICINA VETERINÁRIA
UNIDADE DE ENSINO: ITABUNA – BA

FABRINE SILVA CARVALHO
VALESKA EUNICE SANTOS DE SOUSA

NOVAS PRÁTICAS NO MANEJO DE FELINOS EM ROTINA CLÍNICA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de medicina veterinária no centro universitário UNIFTC, unidade Itabuna- Ba, como requisito para obtenção do título de graduado em medicina veterinária.

Orientadora: Prof^aMsc. Louise Santos
Fernandes de Jesus

Itabuna – BA

2021



**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFTC
CURSO DE GRADUAÇÃO: MEDICINA VETERINÁRIA
UNIDADE DE ENSINO: ITABUNA – BA**

FOLHA DE APROVAÇÃO

**FABRINE SILVA CARVALHO
VALESKA EUNICE SANTOS DE SOUSA**

NOVAS PRÁTICAS NO MANEJO DE FELINOS EM ROTINA CLÍNICA

Aprovado em: __ de _____ de 202__.



Documento assinado digitalmente

LOUISE SANTOS FERNANDES DE JESUS

Data: 12/11/2025 14:47:43-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Louise Santos Fernandes de Jesus)

(Camila Fernanda Oliveira Andrade)

Documento assinado digitalmente



CICERO TIAGO DE AMORIM ARRUDA

Data: 05/11/2025 10:13:22-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Cícero Tiago de Amorim Arruda)

CARVALHO, Fabrine Silva; SOUSA, Valeska Eunice. **Novas Práticas No Manejo de Felinos Em Rotina Clínica**. 2021. 35 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Medicina Veterinária – Centro Universitário UniFTC, Itabuna, 2021.

RESUMO

Os pacientes felinos possuem peculiaridades atreladas ao comportamento que podem dificultar o manejo em casa e no consultório clínico. Dessa forma, as práticas intituladas "cat-friendly" foram criadas com o propósito de respeitar o instinto da espécie permitindo que as consultas tragam um ambiente confortável e favorável para a realização de procedimentos necessários. Com isso, as práticas "cat-friendly" têm o intuito de minimizar a dor, medo e estresse dos felinos, conter possíveis acidentes com a equipe médica e criar laços de confiança entre o tutor e o Médico Veterinário. Ao decorrer da revisão bibliográfica, foram abordadas as principais práticas de manejo amigável com os felinos domésticos e como estas podem ser manipuladas. Portanto, é de fundamental importância que o Médico Veterinário forneça informações e instruções aos tutores sobre o deslocamento do domicílio até a ida ao consultório, estipulando algumas técnicas que ensine o felino a se acostumar com a manipulação, transporte e o ambiente clínico.

Palavras-Chave: Cat- Friendly, Caixa de Transporte, Feromônio, Bem-estar, Comportamento.

CARVALHO, Fabrine Silva; SOUSA, Valeska Eunice. **New Practices in Cat Management in Clinical Routine**. 2021. 35 sheets. Final Paper of Graduation Course in Veterinary Medicine - Centro Universitário UniFTC, Itabuna, 2021.

ABSTRACT

The feline patients have peculiarities hitched to their behavior that can make their management at home and in the clinic difficult. This way, the practices called "cat-friendly" were created with the purpose of respecting the instinct of the species, allowing appointments to provide a more comfortable and favorable environment for execute the necessary procedures. With that, the "cat-friendly" practices are intended to minimize the pain, fear and stress of this animals, restrain possible accidents with the medical team and create bonds of trust between the tutor and the veterinarian. During the literature review, the main practices of friendly management with domestic felines and how these can be manipulated were discussed. Thus, it is of fundamental importance that the veterinarian provides information and instructions to tutors about moving from the home to the clinic, stipulating some techniques that teach the feline to get used to handling, transport and the clinical ambience.

Keywords: Cat-Friendly, CarryingBox, Pheromone, Well-being, Behavior.

AGRADECIMENTOS

Gratidão primeiramente a Deus, sem ele não teríamos forças e nem discernimento para a realização desse trabalho. Gratidão aos nossos amigos pelo apoio, palavras de conforto e motivação. Em especial gratidão a Beatriz Lira, por ter ajudado quando precisamos sem medir esforços, gratidão a Louise Fernandes pela orientação, pelas palavras de incentivo, ajuda e parceria.

Somos eternamente gratas a Luciana Guimarães, por ter nos dado todo o direcionamento necessário, todas as correções, palpites e apoio. Pro, a senhora marcou nossas quartas, gratidão eterna.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
CFP	Cat friendly practice
CIF	Cistite Idiopática felina
DTUIF	Doença do trato urinário inferior felino
FAB	FelineAdvisory Bureau
ISFM	International Society of Feline Medicine
AAFP	American Association of FelinePractitioners

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Escala de medo e agressividade

Figura 2 - Nível de medo representado pelo corpo do animal

Figura 3 - Logotipo do site oficial International Cat Care

Figura 4 - Logotipo do site oficial da AAFP

Figura 5 - Selo oficial do programa Cat friendly practice

Figura 6 - Selo oficial do programa Cat friendly clinic

Figura 7 - Caixa de transporte fechada

Figura 8 - Caixa de transporte no carro

Figura 9 - Abertura da caixa no consultório

Figura 10 - Toalha para contenção

Figura 11 - Mensuração da pressão arterial

Figura 12 - Coleta de sangue pela veia jugular

Figura 13 - Coleta de sangue pela veia cefálica

Figura 14 - Posição da cistocentese

Figura 15 - Sala de internamento

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	12
3. REFERENCIAL TEÓRICO	13
3.1 COMPORTAMENTO FELINO.....	13
3.1.1 Agressividade E Linguagem Corporal.....	14
3.1.2 Possíveis Distúrbios Ocasionalmente Pelo Comportamento	15
3.1.3 Prática “Cat-Friendly”	16
3.1.4 Preparo do felino da saída de casa até a clínica.....	18
3.1.5 Feromônios	20
3.1.6 Feromônios Sintéticos	21
3.1.7 Preparo sala de espera e consultório de atendimento	21
3.1.8 Abordagem dentro do consultório	22
3.1.9 Contenção para realização de procedimentos	23
3.1.10 Contenção Química	24
3.1.11 Pressão arterial.....	25
3.1.12 Coleta de sangue.....	26
3.1.13 Cistocentese	27
3.1.14 Internação	28
3.2 ALIMENTAÇÃO	30
3.3 RETORNANDO PARA CASA	30
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

1. INTRODUÇÃO

Os mamíferos da família Felidae estão presentes em quase todos os continentes, no total de 37 espécies (OLIVEIRA 1994). Logo, o *Felissilvestris catus* L., mais conhecido como “gato doméstico”, foi habituado à convivência com os seres humanos e introduzidos ao ambiente civil (GENARO et al, 2001; NATOLI,1985). Dessa forma, o número de gatos como animais de estimação aumentou gradativamente ao longo dos anos (ABINPET,2015).

De acordo com os dados coletados pelo IBGE e atualizados pela Inteligência Comercial do Instituto Pet Brasil, em 2018 foram registrados 23,9 milhões de gatos no país, sendo o animal com maior alta de 8.1% desde 2013 (Instituto Pet Brasil, 2019). Desse modo, as interações entre homens e animais transformaram-se em relações afetivas, priorizando o apego e a aliança entre espécies (FARACO, C.B., SEMINOTTI N. 2004). Assim, as pessoas têm dado lugar ao antropomorfismo, tratando os felinos como se fossem membros da família (ANDERLINE, G.P.O.S., ANDERLINE, G.A, 2007). Entretanto, essa humanização exagerada pode ser prejudicial ao animal, afetando a saúde e o comportamento dessas espécies (HART,B.L.1978).

Nesse contexto, o gato doméstico manifesta singularidades fisiológicas e condutas específicas que necessitam de atenção no manejo e no atendimento médico (RODAN,2016). Dessa forma, a Associação Americana de Medicina Felina (AAFP) desenvolveu o novo método denominado CatFriendlyPractice (CFP) com o propósito de respeitar as características dos gatos domesticados valorizando o bem-estar, entendendo o comportamento e inserindo manejos amigáveis(CANNON et al, 2016). Desse modo, tornando as consultas clínicas um ambiente seguro e confortável para os felinos (BURNS, 2010;SPARKES; RODAN et al.,2011; MANLEY, 2012).

Dessa maneira, a ida ao veterinário é importante para o tratamento de doenças, vacinações, informações sobre zoonoses e medidas profiláticas (PERRIN, 2009). Muitos médicos veterinários ainda possuem uma relutância em tentar compreender o comportamento felino e a particularidade de cada animal (LUE et al., 2008). O despreparo no manejo aumenta o estresse dos pacientes, ocasionando medo e consequentemente gerando agressões aos tutores e veterinários(Little, 2011). Nesse sentido, o estresse pode interferir nos exames físicos e laboratoriais, alterando o diagnóstico e tratamento (apud ATKINS C; BAGLEY; BROWN S. et al, 2007).

O intuito desta revisão é a possibilidade de criar e manter relações de confiança entre os veterinários e tutores e, o bem-estar dos felinos. Com essa segurança, vem a oportunidade de indicar um tratamento favorável e alcançar resultados oportunos nas consultas. Diante disso, a Associação Americana de Medicina Felina fez uma pesquisa em 2019 com profissionais que possuem certificado do programa CFP e obteve o resultado de 90% de melhora nas consultas e na rotina clínica de cada equipe veterinária.

Logo, ter ambientes direcionados ao atendimento de gatos com métodos de redução de estresse e manejo na clínica é de fundamental notabilidade, para que haja a segurança do paciente, do tutor e da equipe veterinária. Nesse sentido, buscar por uma clínica com atendimento “cat friendly ” pode melhorar as experiências para ambas as partes. Isso poderá ajudar na manutenção dos check-ups que se tornarão regulares refletindo no bem-estar, saúde e longevidade para cada pet. Diante disso, ter o auxílio de uma equipe veterinária preparada fornecerá confiança e credibilidade aos tutores, assim como, reduzirá o estresse felino sempre priorizando a segurança dos pacientes e dos envolvidos.

Portanto, o objetivo dessa revisão será abordar alguns conhecimentos e estratégias do médico veterinário a respeito do manejo dos felinos na rotina clínica.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O processo metodológico define-se como a direção que se pode levar a principal parte de uma pesquisa científica, fazendo a orientação em todo e qualquer ensino sistemático.

Deve-se mostrar os métodos utilizados na realização dessa pesquisa, obedecendo os procedimentos específicos. Como etapa inicial, foi utilizado as seguintes palavras-chaves: cat friendly, comportamento, felinos, manejo, contenção e Feliway. Desse modo, foi realizado um levantamento bibliográfico de algumas monografias que continham no Google acadêmico, algumas dissertações, revistas, artigos e livros.

Em conjunto, foi recorrido a Plataforma MDPI, Biblioteca Virtual em Saúde e o Jornal de Medicina Felina. Para auxiliar no desenvolvimento do conteúdo foi feito o uso do site da Associação Americana de Profissionais Felinos. Cadernos Técnicos de Veterinária e Zootecnia e o site oficial da Sociedade Internacional de Medicina Felina.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 COMPORTAMENTO FELINO

De acordo com cientistas, todos os felinos vieram do Oriente Médio. Uma pesquisa foi feita sobre a origem dos gatos e concluiu-se que foi possível averiguar mais de 100 mil anos atrás. Estima-se que foi entre 12 a 10 mil anos atrás que os felinos foram domesticados. A domesticação teve início com os agricultores que usaram de instintos naturais dos gatos para proteção de suas plantações de cereais e extermínio dos roedores que rodavam os estoques de grãos. Com isso os felinos que se adaptassem a essa situação se tornava mais dócil e ordenado ao contato humano. Esse é o princípio básico de domesticação e da origem dos gatos. (TUBALDINI,2012).

Há 3 mil anos, no Egito, enterrar e mumificar gatos era sinal de amor e devoção. Os egípcios tinham uma deusa-gato que se chamava Bastet, simbolizava maternidade, sexualidade feminina e fertilidade. Era para ela que os gatos acabavam sendo sacrificados. Milhares de anos depois os gatos ainda possuem prestígio conquistado e um certo domínio sobre os homens no Egito. (CATELLAR,2021).

Em 2007 na universidade de Oxford, foram feitas análises de DNA com mais de 11 mil gatos selvagens e domésticos e foi concluído que todas as raças de felinos de estimação são oriundas de uma única subespécie: o gato selvagem africano (*Felis silvestres lybia*) um primo menor dos leões e guepardos que vivem até hoje no norte da África e no Oriente Médio. Com tudo isso a biologia confirmou e provou que os gatos modernos surgiram com as primeiras cidades. (MASSAD,2020).

É notório que os felinos passaram por uma domesticação ao passar do tempo. Contudo, atualmente eles continuam apresentando atitudes selvagens e hábitos da natureza que podem demonstrar medo, agressividade e estresse. Dessa forma, torna-se complexo o contato com o veterinário em um ambiente clínico, sendo necessário englobar as exigências comportamentais e fisiológicas dos felinos para que ocorra uma diminuição de excitação do animal. (ROBINSON 1984; YOUNG 1985; FOLGLE 1997; CASE, 2003).

Os felinos domésticos podem transparecer uma estrutura social parecida com a dos leões. (ALBERTS,2002). Entretanto, os gatos demonstram uma versatilidade comportamental dependendo do habitat que estão inseridos. (PONTIER E NATOLI, 1996). Esses animais, expõem uma sociabilidade tangível com outros felinos das mesmas espécies mantendo o vínculo esfregando um ao outro e lambendo um ao

outro, frequente na região da cabeça e pescoço. (PASSANISI NC E MACDONALD DW, 1990). Sendo animais que ocupam o espaço de caçadores e de caça, os gatos podem demonstrar atitudes de agressividade ou medo com seres humanos desconhecidos e locais incógnitos. O comportamento pode ser explícito ou não. (GRIFFIN B, HUME KR, 2006).

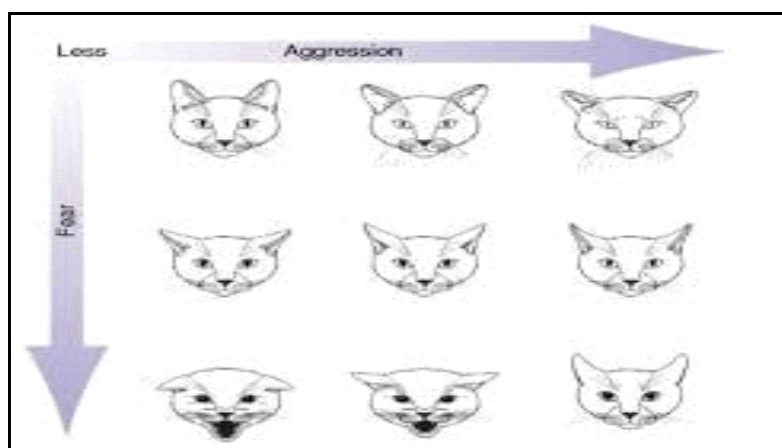
3.1.1 Agressividade E Linguagem Corporal

O discernimento dos felinos é atrelado aos elementos estressantes e aos sentidos, como, olfato, estímulos auditivos, táteis e visuais. (BRADSHAW,2018). Nem toda conduta ofensiva engloba um conflito diretamente, porém, existem variados gestos que podem passar despercebidos pelas pessoas, progredindo até resultar em um ataque. (LEY,2021).

Inicialmente, os traços faciais dos gatos que estão com medo são mais rápidos que os corporais. Quando o animal está tranquilo as pupilas estão em formato de fendas, quando demonstram medo e agressividade as pupilas se dilatam demonstrando a sensação de luta ou fuga. A posição das orelhas é um importante parâmetro para sinalizar a tensão do felino. Orelhas abaixadas lateralmente podem indicar medo ou que o gato está pronto para o ataque, orelhas viradas para trás podem demonstrar que o animal está frustrado ou irritado (Figura 1) (RODAN, 2015). O movimento corporal geralmente é devagar e secundário, no intuito de observar a ameaça e evitar um confronto. Eles eriçam os pelos e arqueiam o corpo na intenção de parecerem maiores para se defenderem dos seus oponentes. (Figura 2) (ATKINSON, 2018). A cauda do gato também é expressiva, quando está em movimento de um lado para o outro significa que o animal está agitado e incomodado, quando mantém-se reta para baixo com a ponta próxima ao chão indica que o felino está agressivo e os gatos vulneráveis mantêm a cauda entre as patas traseiras (SEKSEL,2014).

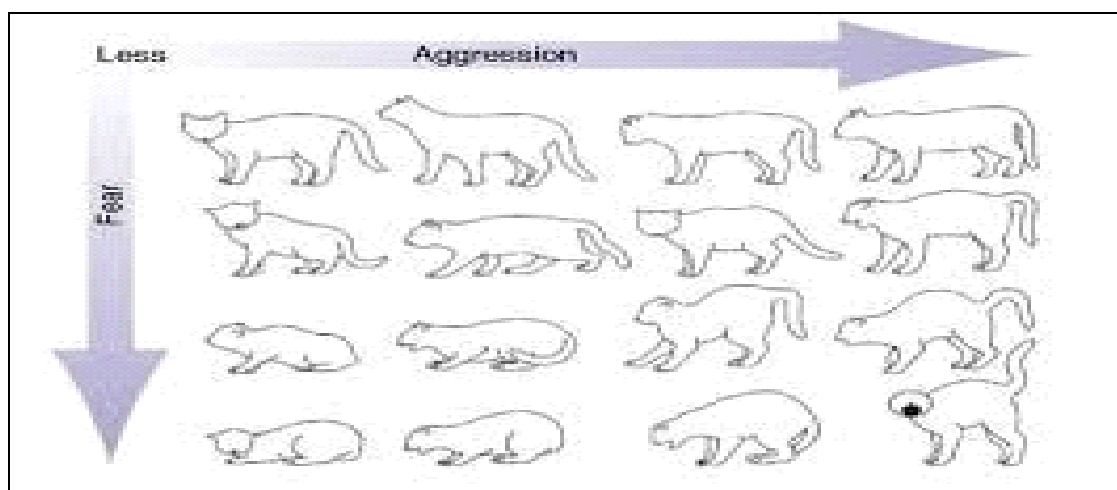
Os sons que os gatos vocalizam de boca fechada quando estão atacando ou ameaçando são rugidos, rosnado, uivos. E o som de sibilo e som de cuspir (o famoso “fu”) são demonstrados quando tomam uma postura de agressividade se sentindo ameaçados. O ronronar é uma vocalização de satisfação e afetuosidade, porém podem vocalizar pedido de cuidado e contato tanto com outros felinos como com os seres humanos. (LEY,2015).

Figura 1: aumento gradativo do medo e agressividade.



Fonte RONDAN, 2005

Figura 2: níveis do medo e agressividade representados pelo corpo e cauda do animal.



Fonte: RODAN, 2005

3.1.2 Possíveis Distúrbios Ocasionados Pelo Comportamento

As particularidades emocionais ou afetivas da dor são consideráveis, porém difíceis de serem medidos em animais, que não falam. Com isso a avaliação da dor fundamenta-se principalmente na extensão etiológica do comportamento, contudo, a ampla avaliação de “personalidades” felinas e a diversidade de comportamentos normais tornam esta quantificação um desafio. Como a experiência da dor é única para cada indivíduo, os comportamentos variam entre os gatos causando possíveis picos de estresse que podem acarretar alguns distúrbios doenças, alterações ou disfunções (LITTLE,2011).

Além de alterações físicas, temos a possibilidade de os agentes estressantes afetarem a saúde mental e social do felino, acarretando doenças psicológicas, como ansiedade, fobias, compulsão ou dominação (KARAGIANNIS, 2016).

O sistema urinário manifesta-se bastante sensível a níveis de estresse, apresentando aumento do risco de inflamações vesicais sob essas condições. A cistite idiopática felina (CIF), por exemplo, tem seus sinais clínicos intensificados em resposta a episódios estressantes, e gatos com CIF grave frequentemente apresentam altos níveis sanguíneos de catecolamina (WESTROPP et al., 2016)

Muitas situações que ocorrem na clínica veterinária como vômito, diarreia e problemas de atopias podem ser ocasionados ou motivados pela ansiedade (SEKSEL, 2012). Fatores de esgotamento físico e emocional são suficientes inclusive para mover gatilhos patológicos, com isso o caso da doença do trato urinário inferior em felinos (DTUIF) que pode vir a se manifestar após o animal ter passado por situações desconfortáveis (SEAWRIGHT et al., 2008).

Em situações que causem estresse agudo, como medo, excitação ou punção venosa, pode-se encontrar um conjunto de alterações como leucocitose, neutrofilia, eosinofilia e linfocitose denominada leucocitose fisiológica (KOCIBA, 2004).

3.1.3 Prática “Cat-Friendly”

A quantidade de felinos em vários países já ultrapassou a quantidade de cães, entretanto, as visitas ao veterinário não acontecem frequentemente. Pois, a consulta se torna uma experiência desagradável devido às peculiaridades que os felinos possuem e não são respeitadas por alguns profissionais (BURNS, 2010; SPARKES; MANLEY, 2012; SPARKS 2013).

Em 1956 foi criada a instituição filantrópica Feline Advisory Bureau (FAB) com o intuito de fornecer informações sobre o bem-estar e saúde dos gatos. Em 2013 a FAB foi renomeada para International CatCare (Figura 3) devido a sua grande expansão da medicina felina em todo os continentes (BESSANT, 2021).

Figura 3- Logotipo do site oficial International CatCare.



Fonte: ICATCARE, 2021

Nesse contexto, a International CatCare fundou uma divisão da instituição chamada International Society of Feline Medicine (ISFM) com o intuito de promover o bem estar felino, logo, foi criado em 2006 um concurso no Reino Unido chamado CatFriendlyPractice juntamente com a American Association of Feline Practitioners (AAFP) (Figura 4). A antiga FAB distribuiu alguns conteúdos educativos relacionados às práticas amigáveis nos gatos e ao passar dois anos visitou as clínicas que participaram do concurso. A ação foi reconhecida mundialmente e obteve resultados satisfatórios (SPARKES; MANLEY, 2012; SPARKES, 2013).

Figura 4-Logotipo oficial da American Association of Feline Practitioners.



Fonte: AAFP, 2021

Desse modo, em 2012 a AAFP desenvolveu em parceria com a ISFM os programas CatFriendlyPractice (Figura 5) e CatClinicFriendly (Figura 6), que são duas divisões feitas por cada organização. O programa CatFriendlyPractice é realizado na América do Sul e do Norte pela AAFP, e o CatFriendlyClinic da ISFM é realizado na Europa, Oceania, Ásia e África (BEZERRA, 2021). O agrupamento dessas técnicas demonstra alguns requisitos, equipamentos e instalações que precisam conter na clínica veterinária. Em conjunto, demonstram maneiras que podem ser adotadas pelos tutores em casa (CANNON et al, 2016).

Figura 5- Selo oficial do programa CatFriendlyPractice.



Fonte: CATFRIENDLY, 2021

Figura 6- Selo oficial do programa CatFriendlyClinic.



Fonte: ICATCARE, 2021

O intuito de ambas organizações é abastecer as necessidades da espécie e valorizar o comportamento dos felinos, juntamente com o propósito de amenizar o estresse na consulta tanto para o gato como para o seu tutor. Esses programas também diminuem o desconforto do médico veterinário e da sua equipe, pois demonstram os recursos que os pacientes necessitam para que aconteça uma consulta favorável para todos os envolvidos (MONROE-ALDRIDGE, 2019). Os programas podem certificar as demais clínicas com o selo de prata ou de ouro. Contudo, para adquirir o selo são avaliados alguns requisitos, como a estrutura física da clínica, sala de recepção, consultórios apropriados para os felinos, sala de internamento e obtenção do treinamento da equipe (RODAN et al., 2011; CARNEY et al., 2012; SPARKES, 2013).

Diante do exposto, está tornando-se frequente a quantidade de médicos veterinários que adotam as práticas, pois, o número das consultas estão se mantendo elevados, ocorrem menos acidentes na clínica e ajudam a ter credibilidade com os tutores (TENNYSON; BRUNT; NAHAMA 2012; MONROE- ALDRIDGE 2019).

3.1.4 Preparo do felino da saída de casa até a clínica

Os felinos sendo animais solitários, não costumam demonstrar naturalmente algumas atitudes sociais. Sendo assim, podem se sentir coagidos e expostos quando afastados do seu ambiente natural (SPARKES, 2013). Nesse contexto, o tutor é aconselhado a criar inicialmente um diálogo com o médico veterinário pelo celular. Tornando-se importante que o tutor informe se existe alguma dificuldade ou empecilho ao transportar o pet para outro ambiente. Assim, o veterinário poderá fornecer as instruções necessárias sobre o deslocamento até a clínica (LITTLE, 2011).

É relevante que os cuidadores tenham consciência que o trajeto não pode ser estressante, pois, o comportamento do animal poderá dificultar a consulta, prejudicando o diagnóstico e alterando alguns parâmetros fisiológicos (CARNEY et al., 2012). Dessa forma, o tutor é instruído a habituar seu gato em casa com alguns gestos simples que podem simular o exame físico dentro do consultório, como, manipular as patas, abrir a boca do felino e averiguar as orelhas. Se houver uma resposta positiva é recomendado retribuir com algumas brincadeiras e petiscos que o animal goste (RODAN et al., 2011). Também é necessário motivar o felino a entrar na caixa de transporte sozinho, fazendo com que ele atrele a caixa a um ambiente familiar, confortável e seguro (CARNEY et al., 2012). O ideal é fornecer dentro da caixa cobertores que o animal tenha memória olfativa familiar, alguns brinquedos e outros itens que sejam do agrado do felino (RODAN et al., 2011). O médico veterinário pode aconselhar a escolha de qual caixa usar, sendo recomendado a que possui a estrutura superior móvel (Figura 7), pois possibilita o exame físico dentro do objeto e gatos vulneráveis ou com dor se sentirão mais confortáveis na consulta (RODAN, 2016).

Figura 7- caixa de transporte que contém a parte superior removível.



Fonte: VASCONCELOS, L. (Arquivo pessoal), 2021.

Ao caminho da clínica o tutor deve averiguar se a caixa está firme e segura dentro do veículo. Pode ser induzido a utilizar o cinto de segurança através da caixa (Figura 8) ou colocá-la no chão. O intuito é promover estabilidade para que o gato não se estresse e não se assuste com os movimentos do carro. Colocar uma toalha por cima da caixa é uma boa alternativa para o felino não ter contato visual com o exterior, logo, transformando a caixa em um ambiente seguro (RODAN et al., 2011).

Figura 8- caixa de transporte dentro do carro coberta por uma toalha.



Fonte: STRACK, 2021

Caso o gato for relutante e não esteja acostumado a entrar na caixa de transporte, o tutor deve colocar o objeto em um local pequeno e com pouco refúgio a fim de que o animal se esconda dentro da caixa. O uso de feromônios sintéticos é considerado nesses casos, o ideal é borrifar dentro da caixa 30 minutos antes da

viagem. Isso irá ajudar o gato a se sentir confortável e ao controle do estresse durante a consulta. A utilização pode ser feita ainda em casa pelo tutor duas horas antes da ida à clínica (PANKRATZ et al., 2017). O uso de medicações antieméticas devem ser administradas nos felinos que apresentarem enjoos e vômitos no trajeto. O maropitant pode ser utilizado nesses casos, pois é um fármaco eficaz e seguro sendo bem aceito pelos gatos. Nesses casos, o ideal é o animal receber previamente o medicamento (HICKMAN et al., 2008).

3.1.5 Feromônios

Os feromônios são compostos naturais, também chamados “semioquímicos” (sinais químicos), que têm um papel de extrema importância na comunicação intraespecífica. São substâncias que, quando depositadas pelo animal no ambiente, produzem respostas fisiológicas e comportamentais em um indivíduo receptor da mesma espécie (RAMOS, 2014; VILANOVA, 2003). Exercem um papel importante no comportamento dos gatos, principalmente na conduta sexual e social, e também na sua estruturação espacial. Tanto a urina, o exsudato vaginal e as fezes são fontes importantes de feromônios, assim como glândulas cutâneas espalhadas por todo o corpo (VILANOVA, 2003).

3.1.6 Feromônios Sintéticos

Os feromônios sintéticos são análogos aos feromônios naturais, produzidos em laboratório, e utilizados como terapia corretiva e preventiva de alguns comportamentos problemáticos exibidos pelos felinos. Os primeiros estudos para a produção de feromônios sintéticos foram realizados na década de 90, com o desenvolvimento do feliway (Frank et al. 1999)

O feliway é indicado no controle de arranhadura inapropriada ou excessiva, sendo oponente da marcação por arranhadura, ou seja, desalentando o gato a arranhar na área em que foi aplicado. Em ambiente de hospitalização o feliway também é indicado, pois expande o “grooming” (auto limpeza) e a movimentação de gatos internados. Ainda com relação a aspectos de saúde física o feliway propicia no tratamento da cistite intersticial, facilitando em sintomas menos graves e crises mais espaçadas (GUNN-MOORE; CAMERON, 2004). Feliway é indicado, portanto, na prevenção do estresse decorrente de transporte, viagens e mudanças, conduzindo,

uma diminuição no número de tentativas de escape e de noites fora de casa (RAMOS,2014).

3.1.7 Preparo sala de espera e consultório de atendimento

A sala de espera preferivelmente deve ter uma área reservada só para os felinos. Um local silencioso e calmo, para o aguardo dos pacientes. De preferência que esse ambiente tenha um difusor de feromônio sintético constantemente plugado na tomada. Nesse ambiente, orienta-se ter uma superfície elevada ou uma bancada para colocar a caixa de transporte. Pois os gatos não gostam de ficar no nível do chão. O mesmo vale para o local de espera, recomenda-se a colocação de banquetas ou módulos para que as caixas de transporte sejam colocadas na altura do tutor sentado (figura) (DANIEL,2020).

Se a clínica ou hospital fizer atendimento de outros pacientes além de felinos, seria viável dedicar pelo menos um consultório apenas para os gatos. O médico veterinário precisa ser cauteloso na sua escolha de onde ocorrerá o exame (por exemplo: mesa, sofá, cadeira, balança ou chão). É necessário que seja feito o exame onde o gato se sinta mais à vontade. Para remover sinais de odor é utilizado feromônios de alarme, sabões em pó que removam proteínas e gorduras ou sabonetes desinfetantes. Dispondo uma variedade de alimentos, brinquedos descartáveis ou que o paciente leve consigo e/ou toalhas tratadas com catnip que é uma erva que libera um aroma que deixa os felinos mais alegres, felizes ou então relaxados, portanto, atraindo assim o gato positivamente (RODAN, 2011).

3.1.8 Abordagem dentro do consultório

Ao chegar no estabelecimento é ideal que o paciente felino seja logo encaminhado para o consultório (LITTLE, 2011). É necessário que o médico veterinário avalie o temperamento do animal na chegada e ajuste o plano da consulta de acordo com a personalidade do gato. É ideal que todos os acessórios e equipamentos estejam próximos à mesa no intuito de evitar movimentação e barulho no ambiente (CARNEY et al., 2012). Ao abrir a caixa de transporte é necessário que espere o felino sair por conta própria enquanto o profissional faz alguns questionamentos ao tutor. Caso o gato tiver relutância em sair é recomendado que o médico pegue uma toalha e coloque em volta do animal e em seguida retire a porta e a parte superior da caixa se possível (Figura 9). Desse modo, o felino ficará exposto ao veterinário, porém permanecerá dentro da caixa confortável (RODAN et al., 2011).

Alguns petiscos ou brincadeiras podem estimular o gato a sair voluntariamente (CARNEY et al., 2012). Alguns tutores podem ficar agitados ou ansiosos com a consulta, nessa situação é necessário que o médico veterinário peça para esperar na sala de recepção. Pois, o gesto do tutor de repreender o animal ou fazer movimentos bruscos podem ocasionar estresse e medo no paciente (HELENO, N.V.R; AVELAR, T.A;2016).

Figura 9 – médica veterinária retirando a parte superior da caixa.



Fonte:SUNDAHL, 2011

Existem caixas de transportes que não podem ser desmontadas e felinos que não saem por conta própria, nesses casos é essencial que o profissional utilize uma toalha em volta do gato para removê-lo cuidadosamente. Caso o animal venha a apresentar agressividade e medo é fundamental o uso de algumas técnicas para felinos agressivos e/ou o uso da contenção química (RODAN et al., 2011). Sendo assim, é possível examinar o gato onde ele mais se sentir confortável, no colo do tutor, no chão, na caixa de transporte se for favorável ou na mesa. Evitar movimentos bruscos e rápidos é importante para a interação do médico e felino. Assim como, o contato visual pode ser evitado para minimizar o medo (HELENO, N.V.R; AVELAR, T.A;2016). A ordem da consulta pode variar de acordo com o comportamento do paciente, começando principalmente pelos movimentos mais simples (LITTLE, 2011).

3.1.9 Contenção para realização de procedimentos

Analisar a linguagem corporal do animal e reconhecer sinais de estresse é fundamental para o médico dividir os procedimentos. Fazer algumas pausas e movimentos lentos podem facilitar e manter o gato confortável, entretanto, alguns felinos pioram com a repetição de pausas. Nesses casos, é necessário o uso de alguns medicamentos ansiolíticos ou contenção química (RODAN et al., 2011). Algumas técnicas podem contribuir para a realização de alguns procedimentos. Almofadas e toalhas que vem dentro da caixa de transporte devem ser colocadas próxima ou envolta do paciente para que o mesmo possua o cheiro familiar de casa e do tutor. Massagear a cabeça, entre as orelhas e o queixo geralmente é prazeroso e confortável para o animal. Assim, o tutor ou o auxiliar do médico veterinário podem realizar essa função (RODAN et al., 2011).

A toalha é um acessório que pode ajudar em várias técnicas com os gatos agressivos e amedrontados. Cobrir a cabeça do animal para cortar o contato visual é recomendado, assim como, colocar o tecido em forma de espiral ao redor do pescoço e de outros membros dianteiros (Figura 10), podem facilitar a introdução de cateter e coletas de sangue. Não é aconselhável que o felino faça muito esforço e o veterinário continue. Se o gato se mexer muito a posição deve ser mudada ou se necessário fazer o uso de sedação (LITTLE, 2011). É recomendado oferecer várias vias de administração de fármacos se possível. Se for preciso aplicar algum medicamento pelas vias subcutânea ou intramuscular usar uma agulha para puxar o medicamento e outra agulha de pequeno calibre para aplicar é considerável (RODAN et al., 2011).

Figura 10- toalha envolta do felino para contenção.



Fonte: TOUTIAU, 2013

3.1.10 Contenção Química

A contenção química pode tornar melhor a segurança e reduzir o estresse para o gato, tutor e equipe veterinária. Utilizar a contenção química poderá auxiliar quando o gato mostra sinais de medo, ansiedade ou agressão, e o procedimento levará menos tempo com a contenção química. Em situações em que se antecipa dor, desconforto ou cirurgia e onde apenas a analgesia não seja suficiente. Quando também a contenção gentil ou equipamento de contenção adequado não fornecer segurança suficiente para a equipe. As opções da contenção química variam entre os médicos veterinários e irá depender exclusivamente da sinalização do paciente e do seu estado físico (RODANet al.,2011).

Sobre tudo, torna-se fundamental a utilização de estratégias visando a redução de estresse e melhoria do bem-estar animal, como a condução de medicações ansiolíticas. Gabapentina é um análogo do neurotransmissor Ácido Aminobutírico-GABA que auxilia na redução do estresse em felinos facilitando seu manejo (ADRIAN et al.,2018). Todavia,apesar da gabapentina ser habitualmente utilizada na rotina clínica, seus recursos referentes as propriedades ansiolíticas ainda é uma incógnita. Entretanto, deve-se ter cautela ao administrar a dosagem de acordo com cada animal, para que se possa evitar efeitos adversos como a sedação intensa (HAAFTEN et al.,2017).

3.1.11 Pressão arterial

A mensuração da pressão arterial pode ser feita na internação ou no consultório, deve ser o primeiro procedimento a ser feito pois o animal de início está com o nível de estresse alterado por causa do ambiente clínico e o resultado pode não condizer com os parâmetros da realidade. Para o procedimento ser feito é necessário que o consultório esteja silencioso, com a presença do tutor se possível (SILVA, 2017).

É recomendado que seja feita através da cauda e membros. A cauda é uma alternativa para os animais que não aceitam manipulação dos membros ou possuem alguma patologia nos ossos que geram dor e desconforto (figura 11). O médico veterinário deve fazer o uso de fones de ouvido para escutar o aparelho no intuito de reduzir o medo do felino associado ao barulho. O local e a posição devem ser escolhidos pelo paciente, no qual o mesmo se sinta mais confortável. O colo do tutor,

o colo do médico veterinário ou a caixa de transporte são alternativas para a mensuração ser realizada (SILVA, 2017).

Figura 11—médico veterinário mensurando a pressão arterial do gato.



Fonte: G1, 2021

3.1.12 Coleta de sangue

Torna-se relevante averiguar com o laboratório o volume necessário das amostras, se for permitido pequenas quantidades o tubo de micro coletas é uma alternativa para a coleta nos felinos. Desse modo, não sendo necessário retirar grandes volumes de sangue do animal (HELENO, N.V.R; AVELAR, T.A, 2016). Alguns felinos aceitam a coleta da veia jugular (Figura 12), o que torna favorável pois o local possui um volume maior de sangue e o procedimento é mais rápido (LITTLE, 2011).

Figura 12—veterinário realizando a coleta de sangue pela veia jugular.



Fonte: O GATO MEDICINA INTERNA, 2015

Entretanto, alguns gatos se estressam com a tentativa da jugular e toleram mais a coleta da veia cefálica ou safena medial. Existem pomadas anestésicas para facilitar a entrada da agulha ou do cateter quando necessário. Lidocaína e prilocaína são algumas alternativas pois a absorção acontece em alguns minutos (CARNEY et al., 2012). Por questões de assepsia a depilação do local da coleta é indicada. Porém, pode estressar o gato e o deixar agitado pelo barulho da máquina, logo, o recomendável é que se utilize uma máquina pequena e silenciosa de tosa ou utilizar uma solução de soro estéril ou álcool 70 GL que facilita a visualização da veia (RODAN et al., 2011). Bolsas de contenção são uma alternativa para animais que não aceitam ser manipulados pelas toalhas, contudo, ao colocar o gato dentro do objeto pode se tornar estressante pois não pode ser muito apertada e nem folgada (Figura 13) (HELENO, N.V.R; AVELAR, T.A, 2016).

Figura 13– realização da coleta de sangue pela veia cefálica com o felino dentro da bolsa de contenção.



Fonte: BRASMED, 2021

3.1.13 Cistocentese

A coleta de urina deve ser feita na posição que o gato se sentir mais confortável e seguro (Figura 14), sem puxar as pernas do animal, assim, pode ser feita na mesa do consultório ou no colo de alguém. No intuito de evitar o medo e estresse, é recomendado que coloque o animal em estação ou em decúbito dorsal (RODAN et al., 2016). Alguns felinos com dor ou com CIF podem sentir desconforto com o método. Nesses casos, é recomendado a administração de analgésicos para aliviar o estímulo

(SILVA, 2017). Outra alternativa para felinos com CIF é a urina ser coletada por micção natural na bacia sanitária em algum recipiente absorvente. (SILVA, 2017).

Figura 14 – gato no colo do auxiliar para cistocentese.



Fonte: O GATO MEDICINA INTERNA, 2015

3.1.14 Internação

Se possível, a melhor alternativa é não manter os felinos no ambiente hospitalar, pois, o local estranho pode gerar estresse e medo, inibindo algumas atitudes do paciente, como, sono, alimentação e necessidades fisiológica (LITTLE, 2011). Contudo, se for essencial a internação é fundamental que o mesmo esteja limpo, seguro e aquecido. A gaiola onde o paciente passará pelo período pós operatório precisa ter espaço o suficiente para conter todos os objetos que o gato irá precisar, por exemplo, esconderijos, caixa de areia, recipiente para alimentação, brinquedos e cobertores e toalhas para manter o animal aquecido e confortável (Figura 15) (STRACK, 2021). É importante deixar os gatos separados dos cães e de outros felinos no intuito de evitar ruídos de outras espécies, consequentemente tornando um local de baixo estresse. Manter a iluminação baixa pode acalmar os pacientes e estimula -lós a dormir (CARNEY et al., 2012).

Figura 15 – felino internado com todos os mantimentos necessários na gaiola



Fonte: Giovana Mazzoti, 2021

A temperatura da gaiola deve ser ajustada de acordo com a temperatura do gato, principalmente em paciente geriátricos, em pós cirúrgico e pediátricos. Se o felino precisar usar o colar elisabetano o recomendado é que o objeto seja feito de algum material macio (STRACK, 2021). Os pacientes que necessitam de fluidoterapia subcutânea podem receber a solução aquecida diminuindo o incômodo, o material pode ser aquecido em banho Maria ou no micro-ondas. Nos doentes renais crônicos é recomendado que fixe um cateter para aplicação do soro, a fixação pode ser até mantida em casa pelo tutor no intuito de não furar o animal várias vezes quando for preciso ir a clínica veterinária (STRACK, 2021).

Os odores de outros animais devem ser contidos nas gaiolas, é importante eliminar o cheiro com produtos necessários. O feliway é uma alternativa para essa função, pulverizar no ambiente alguns minutos antes pode ajudar o felino a se manter seguro e calmo. Implementar alguns difusores nas salas hospitalares resulta em pontos positivos no comportamento do paciente (HELENO, N.V.R; AVELAR, T.A, 2016).

Travesseiros e superfícies macias são preferenciais para os gatos descansarem, em conjunto, cobertores e toalhas felpudas podem evitar que o paciente deite na areia higiênica (HELENO, N.V.R; AVELAR, T.A, 2016). Os proprietários são aconselhados a visitarem os pacientes e levarem brinquedos de casa e ração que satisfaça o animal (LITTLE, 2011).

3.2 ALIMENTAÇÃO

Os felinos podem se alimentar com a ração levada de casa pelo tutor na internação. É recomendado complementar caldo de atum ou de galinha para atrair o

paladar e facilitar a ingestão, sendo essencial que os alimentos sempre sejam em poucas quantidades e frescos (CARNEY et al., 2012). Para gatos que estejam com náuseas ou algum sinal de rejeição alimentar, é recomendado que retirem a comida da gaiola. Os estimulantes de apetites podem ser fornecidos em algumas situações. Já os animais que necessitam de alguma dieta terapêutica o aconselhado é que inicie quando o animal já estiver em casa na presença do tutor (CARNEY et al., 2012).

Para os gatos que não se alimentam voluntariamente, a alimentação induzida é necessária. Pode ser feita em poucas quantidades na seringa, caso não seja permitido pelo animal é feito o uso de sondas esofágicas ou nasogástricas. Quando for necessário administrar algum fármaco por via oral é recomendado que dê em conjunto com a comida para minimizar o sabor estranho ou colocar o medicamento direto na garganta com a ajuda de um aplicador é uma alternativa viável. Em seguida, o aconselhável é que seja injetado na boca 5 ml de água pela seringa no intuito de reduzir esofagites medicamentosas (HELENO, N.V.R; AVELAR, T.A, 2016).

3.3 RETORNANDO PARA CASA

Geralmente ao voltar para o ambiente familiar os gatos não possuem empecilhos. Porém, ao retornar para casa alguns itens podem ir com eles como, cateter, atadura, curativos etc. Além do odor de medicamentos e anestésicos (RODAN et al., 2011). Sendo assim, caso o paciente estiver agitado pode se tornar uma problemática, pois, os animais dessa espécie podem se manter reativos mesmo no seu âmbito social. Nesse sentido, o médico veterinário deve orientar o tutor acerca da situação, como, manter o gato dentro da caixa de transporte por algum tempo, esfregar algum tecido de casa na região da cabeça incentivando o animal a reconhecer o cheiro familiar. Desse modo, ninguém deve manipular o gato para não intensificar o estresse até que ele volte ao comportamento normal (LITTLE, 2011).

Outros gatos presentes na casa podem estranhar ou atacar o felino que retornou da consulta. Nesses casos o tutor deve informar ao veterinário se já ocorreu algum conflito entre eles para que haja um plano eficiente na reintrodução do gato (RODAN et al., 2011). O uso de feromônio sintético felino é uma alternativa relevante, o tutor deve borrifar na caixa de transporte e em casa. Dessa forma, o cuidador é instruído a agir de forma tranquila sem forçar os animais a interagirem entre si e nem forçar a alimentação em conjunto (RODAN et al., 2011). O veterinário aconselha

também a ser construído alguns casulos silenciosos para os pacientes debilitados poderem descansar e se sentir seguros (STRACK, 2021).

A rotina de cuidados com curativos e administração de fármacos deve ser seguida nos mesmos horários para o gato se acostumar. Caso o tutor tenha dificuldades nesse manejo, o ideal é que ele sempre mantenha contato pelo profissional para saber qual conduta seguir (STRACK, 2021).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto abordado ao longo da revisão, torna-se destaque o comportamento dos felinos domésticos e as práticas amigáveis que esses animais necessitam pelos tutores e médicos veterinários. Dessa forma, foi encontrado na prática diversos pontos relevantes e de suma importância, como, saber manipular corretamente a caixa de transporte, entender as expressões e conter os felinos de forma correta e segura priorizando o conforto desses animais.

Entretanto, é importante notar que existem gatos que não aceitam qualquer tipo de manipulação e o estresse pode ser contínuo, consequentemente dificultando os exames e podendo interferir nos resultados laboratoriais. Logo, faz-se necessário o uso da contenção química para que ocorra uma consulta favorável.

Portanto, diante do exposto, é ideal repassar o conteúdo abordado valorizando e conscientizando os indivíduos sobre a natureza dessas espécies e as individualidades comportamentais e fisiológicas que cada um possui. Nesse contexto, os estabelecimentos que não possuem os selos dos programas ou não são credenciados ainda podem adaptar a clínica de acordo com as necessidades dos pacientes. O ideal é que os médicos veterinários busquem estratégias e maneiras para lidar com a individualidade de cada paciente. Desse modo, as consultas podem se tornar um ambiente confortável tanto para o felino quanto para o tutor.

Assim, à medida que o manejo for sendo praticado, mais frequente serão as consultas clínicas, contribuindo com a saúde do animal e diagnósticos necessários. Desse modo, a prática amigável também ajudará os felinos dentro de casa, no âmbito social e ao longo da vida. Ao decorrer da revisão, foi notório que houve uma deficiência e carência de informações atuais à cerca do manejo amigável. Diante disso, concluiu-se que é necessário uma abordagem mais abrangente sobre o assunto vindo da academia junto com os profissionais de saúde da área, as práticas podem ser usadas

como ferramentas, recursos e informações para melhorar o tratamento, manipulação e cuidados da saúde geral dos gatos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTS, A. **Evolução da sociabilidade em felinos:** contribuição da filogenia. In: Encontro Anual de Etologia, Natal-RN, 20, 2002. Anais do XX Encontro Anual de Etologia, NatalRN. 2002. p. 112-124.

ANDERLINE, G.P.O.S., ANDERLINE, G. A. **Benefícios do envolvimento do animal de companhia (cão e gato), na terapia, na socialização e bem estar das pessoas e o papel do médico veterinário.** Revista CFMV. Ano XIII, n. 41, p. 70-75, 2007

ATKINS C; BAGLEY; BROWN S et al; **Guidelines for the identification, evaluation, and management of systemic hypertension in dogs and cats**, J Vet Intern Med 21:542, 2007. p. 542-558.

BESSANT, C. **icatcare**, site disponível em <https://icatcare.org/>

BEZERRA, G. **Cuidados Especiais.** Cães e Gatos, São Paulo. p.46-48. Disponível em: <<https://catvets.com/public/PDFs/AboutUs/Caes&Gatos.pdf>>.

BEZERRA, Glaucia. **Da Redação:** Cuidado especiais com o intuito de fazer com que o felino seja, também, o melhor amigo do veterinário, certificação americana autêntica clínicas que promovem bem-estar exclusivo aos gatos, pag. 47 – 48. Disponível em: <<https://catvets.com/public/PDFs/AboutUs/Caes&Gatos.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2021.

BRADSHAW, J. **Normal Feline Behavior and Why Problem Behaviours Develop.** Journal of Feline Medicine and Surgery. v.20, n.5, p.411-421. April 2018. DOI <https://doi.org/10.1177/1098612X18771203>

BURNS, K. **Creating the Cat Friendly Practice.** Journal of the American Veterinary Medical Association. Schaumburg, v.237, n.9, p.992-994, November 2010

CANNON, MARTHA; RODAN, ILONA; **The Cat in the Veterinary Practice.** In: HEATH, SARAH; RODAN, ILONA. Feline Behavioral Wealth and Welfare. 3251 Riverport Lane/St. Louis, Missouri 63043: Elsevier, 2016. p. 102-111.

CARNEY, H.C. et al. **AAFP and ISFM Feline-Friendly Nursing Care Guidelines.** Journal of Feline Medicine and Surgery. v.14, n.5, p.337-349,. April 2012 DOI <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1098612X12445002>.

CASTELLAR, Guilherme. **Como os gatos conquistaram a Terra.** Super Interessante: 2017. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/ciencia/como-os-gatos-conquistaram-a-terra/>>. Acesso em: 01 nov. 2021.

FARACO, C. B.; SEMINOTTI, N. **A relação homem- animal e a pratica veterinária.** 2004. Revista CFMV, Brasília, v. 10, n. 32, p. 57-62, maio/ago. 2004.

GENARO, G.; ADANIA, C. H.; GOMES, M. S. **Pequenos felinos brasileiros:** desconhecidos e ameaçados. Ciência Hoje, v. 29, p. 34-39, 2001.

HART, B. L. Anthropomorphism: **Two perspectives.** Ca- nine Pract 1978; 5(3):12.

HELENO, N.V.R; AVELAR, T.A. **Caderno de medicina veterinária e zootecnia Nº 82**, 2016.

HENZEL, Marcelo; RAMOS, Daniela. **O uso dos feromônios sintéticos na clínica veterinária comportamental**, pag. 17-20. Disponível em: <https://vetsmart-parsefiles.s3.amazonaws.com/0f9c8b7a6a96601ab45fab6ec528b5d7_vetsmart_admin_pdf_file.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2021.

Hickman MA, Cox SR, Mahabir S, et al. **Safety, pharmacokinetics and use of the novel NK-1 receptor antagonist maropitant (Cerenia™) for the prevention of emesis and motion sickness**. J Vet Pharmacol Ther 2008; 31: 220–29.

Icatcare, site oficial disponível em International Cat Care | For the love of cats AAFP, American Association of Feline Practitioners. Disponível em <<https://catvets.com/>>.

Journal of Feline Medicine and Surgery (2021) 23, pag. 211-233. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/suppl/10.1177/1098612X21993657/suppl_file/sj-pdf-2-jfm-10.1177_01098612X21993657.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2021.

Ley, J. (2021). **Aggression -Cats**. In: S. Denenberg (Ed.), Small Animal Veterinary Psychiatry. (pp. 180-190). Gloucester: CABI.

LIMA, Déborah A. de; AMARAL, Aline G; SILVA, Laura M. S.; SILVA, Letícia G. da; FERNANDES, Amanda L.; LIMA, Marcos P. A. de. **Efeitos da administração de Gabapentina para manejo de felinos domésticos**. Revista Sinapse Múltipla, V.10, n.1, p.78-80, jan.\jul. 2021. Disponível: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/sinapsemultipla/article/view/26797/18519>>. Acesso em: 01 nov. 2021

LITTLE, S. **The cat: clinical medicine and management**. Elsevier Health Sciences, p. 17-40. 2011.

Lue, T.W., Pantenburg, D. P. & Crawford, P. M. (2008). **Impact of the owner-pet and client-veterinarian bond on the care that pets receive**. Journal of the Veterinary Medical Association, 232, 531-540.

MAZZOTI, G. **Medicina felina**. O Gato Medicina Interna, 1a ed. Rio de Janeiro: Roca, p. 24-50, 2016. Disponível em: <<http://giovanamazzotti.simples.vet.br/>>.

MONROE-ALDRIDGE, P. **O programa de clínicas Cat friendly**. Disponível em <https://vetfocus.royalcanin.com/pt/gestao-e-negocios/the-cat-friendly-practice-program>

PANKRATZ, K.E. et al. **Use of Single-dose Oral Gabapentin to Attenuate Fear Responses in Cage-trap Confined Community Cats: a Double-blind, Placebo-Controlled Field Trial**. Journal of Feline Medicine and Surgery. DOI <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1098612X17719399>

Passanisi NC, Macdonald DW. **Group discrimination on the basis of urine in a farm cat colony**. In: Macdonald DW, Müller-Schwarze D, Natynczuk SE (eds). Chemical signals in vertebrates. Oxford: Oxford University Press, 1990: 339–41.

Perrin, T. (2009). **The business of urban animals survey:** The facts and statistics on companion animals in Canada. Canadian Veterinary Journal, 50, 48-52.

PONTIER, D.; NATOLI, E. **Male reproductive success in the domestic cat (Felis catus L.):** a case history. Behavioural Processes, v. 37, p. 85-88, 1996.

RIBAS, Laila Massad. **A história do gato.** Portal Medicina Felina: 2015. Disponível em: <<http://portalmedicinafelina.com.br/historia-do-gato/>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

RODAN, I. **Compreensão e manuseio amistoso dos gatos** - I. In: LITTLE, S. E. O Gato Medicina Interna. 1. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015. v.1, cap.1, p.2-18

SILVA, B.P.L. et al. **Efeito do Análogo Sintético do Feromônio Facial Felino Sobre o Nível de Cortisol Salivar de Gatos Domésticos.** Pesq. Vet. Bras. Rio de Janeiro, v.37, n.3, p.287-290. Mar. 2017. DOI <https://www.scielo.br/j/pvb/a/vrQRdbPqqKC39SgZyXDGjpM/?lang=en>.

SILVA, Debora dos Santos. **Novas Diretrizes para o manejo clínico do paciente felino.** Lume Repositório Digital, 2017, pag. 18-21. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/170514>>. Acesso em: 01 nov. 2021.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **Os gatos na história.** História do Mundo: 2021. Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/os-gatos-na-historia.htm>>. Acesso em: 01 nov. 2021.

SPARKES, A. **Developing Cat-Friendly Clinics.** In Practice. England, v.35, n.4, p.212-215, April 2013 DOI <https://bva-journals.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1136/inp.f1437>.

STRACK, A. **MANEJO AMIGÁVEL DE FELINOS DOMÉSTICOS: REVISÃO DE LITERATURA,** 2021. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS DEPARTAMENTO DE BIOCÊNCIAS E SAÚDE ÚNICA CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA.

Sundahl E, Carney H, et al. **AAFP and ISFM Feline-Friendly Handling Guidelines.** Journal of Feline Medicine and Surgery, Volume 13, Issue 3, pp364–375. DOI: 10.1016/j.jfms.2011.03.012. © ISFM and AAFP 2011.

TENNYSON, B.; BRUNT, J.; NAHAMA, A. **Executive Summary of the Catalyst Council's Cat-Friendly Practice Makeover Study.** Journal of the American Veterinary Medical Association. Schaumburg, v.241, n.1, p.58-62. July 2012.

TUBALDINI, Ricardo. **Origem dos felinos:** como e onde surgiram nossos gatinhos? CachorroGato. Disponível em: <<https://www.cachorrogato.com.br/gato/origem-felinos/>>. Acesso em: 02 nov. 2021.